

15581 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 02 - Ensino Médio

PRÁTICAS DOCENTES NO CONTEXTO PANDÊMICO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO LEOPOLDO/BRASIL

Carina Grohe - UNISINOS/PPGE - UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

PRÁTICAS DOCENTES NO CONTEXTO PANDÊMICO EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO LEOPOLDO/BRASIL

O advento da pandemia de COVID-19 e o consequente isolamento social impactaram significativamente a educação no mundo e potencializaram problemáticas já existentes. A necessidade de metamorfose da escola (Nóvoa, 2022; 2023) já se anunciava para os defensores dela. Ao mesmo tempo, o fechamento de escolas, as aulas remotas e o impedimento dos estudantes de frequentarem os espaços escolares serviram como lentes de aumento (Morin, 2021) e acentuaram também as desigualdades educacionais. Diante disso, a presente pesquisa tem como objetivo identificar e analisar práticas docentes em uma escola pública estadual do município de São Leopoldo/RS, Brasil no contexto pandêmico. Como fundamentação teórica, destacam-se como autores/as: Dubet (2004; 2020), Hooks (2013), Nóvoa (2022; 2023), Saviani; Galvão (2021), Tardif; Lessard (2014) e Charlot (2000). Metodologicamente configura-se como de abordagem qualitativa tendo como método o estudo de caso (Yin, 2015). O procedimento de coleta de dados utilizado foi a entrevista reflexiva, segundo Szymanski (2011) em que quatro professores de diferentes áreas do conhecimento (Linguagens, Matemática, Humanas e Natureza) foram entrevistados seguindo um roteiro elaborado previamente. A análise dos dados foi baseada na análise de conteúdo de Bardin (2016). O conteúdo abordado nas narrativas dos professores entrevistados tratava de questões de perfil dos participantes, bem como, questões sobre as práticas curriculares no período pandêmico e pós-pandêmico na educação. As narrativas dos professores entrevistados foram transcritas e agrupadas em seis categorias. No presente trabalho, serão exploradas quatro categorias distintas: Categoria 1- Aulas remotas e internet; Categoria 2- Dificuldades com os estudantes na pandemia; Categoria 3- Dificuldades com os estudantes no pós-pandemia e Categoria 4- Situação socioeconômica dos estudantes na pandemia. No que se refere a primeira categoria abordada neste estudo: “Aulas remotas e internet”, destacaram-se os relatos sobre falta de conectividade para que as aulas remotas realmente fossem efetivas e produtivas e o ineditismo das aulas online onde professores não tinham conhecimento sobre os aplicativos que deveriam ser utilizados para efetivar as aulas remotas. Com o advento da pandemia, as mudanças na rotina das aulas foram atravessadas, principalmente, pelo isolamento social que impossibilitou que estudantes e professores frequentassem presencialmente as escolas e passassem a encontrar-se para aulas de forma remota, através de aplicativos que contavam com novas e desconhecidas maneiras de interagir nas aulas de todas as disciplinas. A carência de formação básica (Saviani; Galvão, 2021) para os professores atuarem nesta modalidade inesperada de ensino foi perceptível nas narrativas dos professores e na percepção dos estudantes segundo eles. Professores do Estado do Rio Grande do Sul não receberam nenhum tipo de formação básica, nem mesmo online, para iniciar os trabalhos à distância com seus estudantes. A formação básica surgiu alguns meses depois, no final do ano letivo, proporcionada pelo governo de forma online, quando professores já haviam enfrentado as dificuldades básicas de adaptação a este novo modelo. Outro aspecto relevante a ser considerado nesta categoria, é a falta de equipamentos e de conectividade adequados para que as aulas se efetivassem. Professores depararam-se com estudantes impedidos de ter acesso às

aulas por não poderem conectar-se à internet, apesar do artigo 4º do “Marco Civil da Internet” assegurar a promoção do direito de acesso à internet para todos e da Constituição Federal de 1988 assegurar a educação como o primeiro dos direitos sociais de qualquer cidadão. Registra-se a falta de envolvimento e comprometimento do poder público no fornecimento de ferramentas básicas para o exercício das práticas docentes (Saviani; Galvão, 2021) em prol do sucesso no processo de construção do conhecimento dos estudantes, amenizando os efeitos das desigualdades educacionais e das frágeis perspectivas de futuro de estudantes. Na segunda categoria analisada, que trouxe à tona as dificuldades dos professores com os estudantes na pandemia, destacaram-se a falta de participação dos estudantes nas aulas remotas, a falta de experiência deles com a rotina das atividades síncronas e assíncronas e as dificuldades com as famílias. A falta de participação e de familiaridade com as aulas remotas gerou diversas problemáticas para os professores, como câmeras fechadas no momento das aulas síncronas, falta de devolutivas das atividades pelos estudantes, entre outros aspectos. A falta de um professor para auxiliar nas tarefas do dia a dia da escola acarretou em problemas de acompanhamento das aulas pelos estudantes, que se sentiram desmotivados e desamparados fora do ambiente escolar. A importância do professor e dos laços de confiança entre escola e famílias (Nóvoa, 2022) ficou evidente neste período atípico de aulas remotas. A colaboração entre pais, professores e comunidade tornou-se, mais do que nunca, fundamental em prol da aprendizagem dos estudantes. A educação se constitui em uma relação interpessoal, necessariamente (Saviani; Galvão, 2021) onde seres humanos interagem entre si, realizam trocas, fortalecem laços e constroem juntos o conhecimento. As oportunidades de construção de conhecimento sem a presença de um professor ou com um professor orientando estudantes à distância diminuem significativamente. As dificuldades com as famílias dos estudantes narradas pelos professores, reforçaram a ideia de fiscalização do trabalho do professor, que se acentuou na pandemia, onde familiares tiveram a oportunidade de adentrar as aulas remotas dos estudantes e questionar o trabalho dos docentes. Estes questionamentos e críticas dirigidos aos professores, principalmente no período de aulas remotas, mas, que já vinha sendo observado antes do advento da pandemia, demonstram a desvalorização da profissão docente perante uma parte da sociedade. A educação é um dos lugares de transformação do mundo (Nóvoa, 2023) e os professores como atores indispensáveis de todos os processos que envolvem a educação precisam ser qualificados e valorizados por governos e sociedade. Caso contrário, cria-se um cenário de desrespeito profissional, que fragiliza e desgasta a profissão docente. Os professores são os responsáveis pela construção da escola como um espaço público e comum a todos, onde oportunidades equivalentes são geradas para que os estudantes atinjam o seu sucesso escolar e diminuam o abismo de desigualdades educacionais e sociais existente. As dificuldades com os estudantes no período pós-pandêmico, ou seja, após o período de retorno às aulas presenciais, destacaram-se na visão dos professores. Os estudantes retornaram às aulas necessitando de apoio emocional e pedagógico após o período conturbado da pandemia. Estudantes retornaram à escola após perda de entes queridos, dificuldades financeiras, desemprego, cansados da falta de condições para o acompanhamento das aulas remotas e com dificuldades de readaptação à rotina das aulas presenciais. As dificuldades pedagógicas foram expressivas, dadas a baixa participação de estudantes durante o período de aulas remotas, daqueles que tinham acesso às aulas e, ainda, haviam os estudantes que sequer conseguiram acessar às aulas gerando lacunas de aprendizagem facilmente verificadas pelos docentes. Estas lacunas se mostraram evidentes, principalmente pelo fato dos estudantes não conseguirem mais construir e evoluir nos seus conhecimentos sem usar as ferramentas de pesquisa digitais como primeira opção, deixando de tentar responder a pequenos problemas fazendo associações e interagindo com professores e colegas. Com um tempo significativo de isolamento social, podemos ter a tendência de continuar isolados, nos retraindo, nos fechando em ambientes familiares e privados (Nóvoa, 2023) a fim de termos a sensação de proteção que o isolamento do vírus proporcionou e isso faz com que os professores assumam uma tarefa árdua de acolhimento e escuta dos estudantes para que os mesmos voltem a sentir a sensação de pertencimento, da troca com colegas, da

satisfação de resolver um problema sem a ajuda de respostas prontas nos meios digitais. A valorização do espaço público da escola como um espaço de socialização, de oportunidades de futuro e de acolhimento será fundamental para que se alcance novamente este estudante e desperte nele a vontade de permanecer na escola e não abandonar os estudos por conta de um desencanto com a educação. É dos professores e de suas práticas o papel da construção de um espaço público comum da educação depois da pandemia (Nóvoa, 2022). A situação socioeconômica dos estudantes foi aspecto relevante na narrativa dos professores entrevistados e que teve influência direta no aproveitamento dos estudantes durante o período pandêmico. As dificuldades socioeconômicas dos estudantes já influenciavam no sucesso e aproveitamento escolar. A pandemia não nos trouxe esse problema, ela rasgou o véu, desnudou, demonstrou e aprofundou esse problema. Estudantes viram-se obrigados a participar das aulas remotas enquanto cuidavam de irmãos menores, entes queridos doentes e trabalho doméstico. Diante disso, fica evidenciado o quanto a situação socioeconômica da família dos estudantes afetou as oportunidades de participação nas aulas de forma qualificada. A escola é o contrário de casa (Nóvoa, 2022), é um ambiente propício aos estudos e às mais diversas interações, uma zona livre onde o desejo de estudar torna todos iguais (Hooks, 2013) e com equidade de oportunidades de construção de conhecimento. O abandono e a evasão escolar também são resultantes das dificuldades socioeconômicas que se exacerbaram durante a pandemia de COVID-19. O estudante que precisa abandonar a escola para trabalhar e ajudar a sustentar sua família, não tem as mesmas oportunidades de aprendizado dos jovens que permanecem na escola, aumentando as desigualdades educacionais e interferindo na proposta de que a educação é instrumento para mudar o mundo (Unesco, 2022). De fato, fica evidenciado que políticas públicas precisam de um olhar mais atento para a problemática destes estudantes que têm suas possibilidades de futuro afetadas pelas desigualdades sociais. Estratégias necessitam ser destinadas a apoiar estudantes marginalizados e que vivem graves desvantagens (Unesco, 2022). As escolas necessitam do olhar atento das autoridades responsáveis e dos governos. Se, no auge da pandemia, o único meio encontrado de evitar a disseminação do vírus da COVID-19, foi o isolamento social e as aulas remotas que, mesmo para funcionar como urgente e momentâneo (Saviani; Galvão, 2021) este tipo de ensino à distância precisaria de uma formação mínima dos docentes antes de sua implementação. As condições mínimas de trabalho não foram consideradas na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul e este fato se repetiu em muitas escolas públicas que adotaram o ensino remoto repentinamente. Como garantir o sucesso escolar dos estudantes e a mitigação das desigualdades educacionais, se o professor, como peça central da educação (Nóvoa, 2022) não foi minimamente familiarizado, tampouco formado para ministrar suas aulas em um período tão conturbado? Os governantes têm responsabilidade maior no que diz respeito à valorização dos professores da escola pública, pois está na escola pública a grande maioria dos estudantes que necessitam das interações proporcionadas por este espaço para melhorar suas condições de vida e futuro. Com ações realmente comprometidas com os fatores que afetam a educação, sejam elas de que âmbito forem, há possibilidade de enfrentamento das desigualdades educacionais baseadas no direito à educação e na equidade de oportunidades de qualquer estudante ter sucesso na sua trajetória escolar, quebrando o ciclo de reprodução das minorias que não conseguem competir por igualdade de oportunidades reorganizando, assim, toda a estrutura social à sua volta.

Palavras-chave: práticas docentes; pandemia; Ensino Médio.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber elementos de uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DUBET, François. O que é uma escola justa? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n.123, p. 539- 555, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/jLBWTVHsRGSNm78HxCWdHRQ/?format=pdf>. Acesso em 01 mar. 2023.

DUBET, François. **O coronavírus, “a vingança das pequenas desigualdades”**: entrevista com François Dubet. [Entrevista cedida a] Jonathan Dupriez. Publicsenat, Paris: 2020. Disponível em: www.publicsenat.fr/article/debat/le-coronavirus-c-est-la-revanche-despetites-inegalite-s-181692. Acesso em: 12 fev. 2024.

HOOBS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

NÓVOA, Antônio. **Professores: Libertar o futuro**. São Paulo: Diálogos Embalados, 2023.

NÓVOA, Antônio. **Escolas e Professores Proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

SAVIANI, Dermeval; GALVÃO, Ana Carolina. Educação na pandemia: a falácia do “ensino” remoto. **Universidade e sociedade- ANDES-SN**, ano XXXI, n. 67, jan. 2021, p. 36-49. Disponível em: http://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em 20 dez. 2023.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (orgs). **O Ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2014.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.